

**Ismar Becker**

beckerismar@gmail.com

Brasil – Oportunidades e ameaças

A Iguém sabe o nome dos 37 ministros que comandam(sic!) o Brasil? Não importa saber. A esmagadora maioria não sabe o que está (ou não) fazendo. Quer ver porque em terra de cego quem tem um olho é rei?

RACIONALIDADE

O ministro da Fazenda está desempenhando múltiplos papéis. Antes de assumir atuou como bombeiro, apagando os incêndios ateados pelo Presidente. Em seguida como conciliador junto ao Banco Central. Depois como equilibrista para conter a volúpia gastadora do executivo (Gasto é Vida), do Legislativo e do Judiciário, que abanam com o chapéu alheio.

Em uma recente entrevista foi muito hábil para não escorregar nas cascas de banana que as três jornalistas jogaram. Os destaques foram:

1. Arcabouço Fiscal: Não é o que o partido(sic!) queria, mas estabelece limites. Não falou da contabilidade criativa, que varreu para debaixo do tapete em 2023(precatórios)

2. Década Trágica: Nos 10 anos após 2013 os governos geraram 2 Trilhões de Reais de déficit, sem crescimento econômico. Claro que não pode dar nomes aos bois, dizendo que a maior parte deste rombo (2013 a 2016) foi culpa da Nova Matriz Econômica, da ensacadora de vento.

3. Responsabilidade Fiscal: O executivo não domina mais o orçamento. Pautas populistas, do Legislativo e Judiciário, podem comprometer a meta fiscal. Só três pautas bomba pendentes no Congresso: Desoneração Folha (9 Bilhões); Perse, benefícios setor eventos (13 Bilhões); Desoneração da folha dos municípios (10 Bilhões). Para

Brasil – Grandes oportunidades e ameaças

não criar mais um atrito com a presidente do partido(sic!) não falou que dois destes rombos foram criados pela “impeachment”.

4. Ventos favoráveis: Reservas cambiais elevadas, inflação sob controle, crescimento 2023, janela oportunidade no cenário mundial, indicam cenário positivo nos próximos anos.

REALIDADE

Com a popularidade em queda livre, apesar dos bons indicadores econômicos, o instinto de escorpião do Presidente Gasto é Vida, está à flor da pele. O último coelho da cartola populista é o programa Pé de Meia, que premia os estudantes que estudam. Nesta lógica logo deve vir algum mimo para os trabalhadores que não trabalham, e para os intelectuais que não pensam. Desta forma contemplam os três grupos que formam o partido(sic!).

AMEAÇA

Poder não aceita vácuo. A combinação do enfraquecimento do Executivo, com um Presidente que não entende que o Brasil de 2023 não é o que ele recebeu de FHC em 2003, está ressuscitando mortos políticos por todos os lados. O mais perigoso deles, condenado por diversos crimes, disse em uma sessão solene no Senado, que o Brasil precisa de “uma revolução social, desconcentrar a renda, a riqueza e a propriedade”, para “consolidar a democracia brasileira.”

As soluções para o Brasil não estão com os extremistas da esquerda, ou da direita. Nossa caminho passa pelo bom senso dos que defendem a democracia, o livre mercado e a propriedade privada. Sem um destes pilares não há solução.

Ismar Becker é empresário e escreve quinzenalmente às quintas-feiras.

**Alexandre Garcia**

editoria@gazetasbs.com.br

Democracia e alienação

O Datafolha perguntou a pouco mais de 2 mil pessoas, em 147 municípios, que regime preferem: democracia ou ditadura. Pois 140 disseram preferir ditadura; e 360 responderam que “tanto faz”. O resultado da pesquisa revela que apenas 71% preferem democracia, 7% ditadura e 18% não se importam com o tipo de regime. Se a pesquisa representar a população brasileira, temos apenas 71 em cada 100 brasileiros com mais de 16 anos a preferir a democracia. Creio que mesmo desses, não sejam todos os que realmente saibam o que é uma democracia, mesmo porque neste país a prática da democracia ainda é um arremedo. Democracia, por aqui, é mais rótulo que prática.

Os que estão satisfeitos com a “democracia” brasileira pensam assim porque não conhecem a prática e nunca a exerceram. Só poder votar não é democracia, embora seja um sinal dela. Na democracia tem que haver contato entre o representante e o representado, o que é raro por aqui. O eleitor logo esquece em quem votou. Não acompanha a atuação do seu vereador, deputado ou senador. E ainda há chefes de executivo que, depois de eleitos, se distanciam de seus eleitores e se vingam dos que votaram em seu adversário. Nos legislativos, os debates estão parecidos com brigas escolares, tal a puerilidade e ausência de argumentos. Os assuntos são abstrações, bobagens em geral, longe das grandes questões. Na Justiça Eleitoral, o eleitor é punido com a perda de seu voto, se votou

em alguém que a justiça decide punir.

Uma nação não se valoriza nem se torna respeitada, se seus representantes agem como figuras caricatas, que conseguiram votos de quem não se importa com o destino de seus filhos e netos, como esses 18% para quem tanto faz democracia como ditadura. Os 7% a favor de ditadura, certamente não sabem o que é uma ditadura, onde o povo não tem voz nem liberdade. No entanto, esses eleitores contribuem para, com seu voto, dar mandatos a pessoas que não estão dispostas a pensar nos direitos alheios, apenas nos seus interesses, em geral financeiros. Representam uma ponderável quarta parte do eleitorado.

Quando se escolhe um homem público para gerir nossos impostos e administrar a prestação de serviços públicos para todos, idealmente o escolhido deveria ser altruísta, desprendido, disposto ao sacrifício pessoal. No entanto, o que vemos, são pessoas enriquecendo depois de eleitas e conseguindo privilégios para seus amigos e parentes. Acontece na democracia, mas é muito pior numa ditadura. Churchill disse que “a democracia é a pior forma de governo, exceto por todas as outras formas que já foram tentadas na história”. Só que para praticar democracia aqui no Brasil é preciso ensinar o que é democracia e mostrar as consequências da alienação. A democracia, por aqui, é um sistema carente de gente que a ponha a funcionar.

Alexandre Garcia é jornalista e apresentador. Escreve às quintas-feiras sobre economia e política.